



ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

O Engodo da Parte e a Invenção Neurótica da Pulsão

The Deception of the Part and the Neurotic Invention of the Drive

DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3371

ARK: 57118/JRG.v9i20.3371

Recebido: 17/05/2026 | Aceito: 20/05/2026 | Publicado on-line: 21/05/2026

Lucas Neckel¹

<https://orcid.org/0000-0002-9232-7267>

<http://lattes.cnpq.br/1409232497801097>

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: lucasneckel.7@gmail.com



Resumo

A pulsão comparece ao campo analítico já traduzida pelas coordenadas neuróticas - mediada pela gramática da demanda. Partindo dessa hipótese lacaniana, este artigo investiga o estatuto da parcialidade na psicanálise e acompanha o modo pelo qual a própria radicalização do objeto parcial faz emergir regiões de impasse no interior da teoria da pulsão. Sustentamos que, ao deslocar a parcialidade da “ontologia da parte” para o funcionamento diferencial da cadeia significante, Lacan não apenas transforma o estatuto do objeto pulsional, mas reabre o problema das condições mesmas pelas quais um objeto pode operar como resto e causa. A partir da fórmula da pulsão como ($\$ \diamond D$) no *Grafo do Desejo*, mostramos como a neurose pode ser relida como uma estrutura de perseveração da demanda, isto é, como uma maquinaria significante que sustenta a circulação do desejo ao manter o objeto parcial em posição de relançamento permanente da cadeia. Em contraste, propomos que a melancolia torna visível o ponto em que essa economia começa a falhar: o objeto reaparece como presença compacta da *Coisa*. A melancolia revela, assim, uma região particularmente instável da teoria lacaniana da pulsão, na qual vacilam não apenas as condições estruturais da extração do objeto, mas a própria distância que sustentava a distinção entre o sujeito e a causa de seu desejo - que a teoria lacaniana continua a escrever em termos de objeto.

Palavras-chave: Pulsão Parcial. Melancolia. Demanda. Metonímia

Abstract

The drive first becomes thinkable within psychoanalysis through neurotic coordinates - mediated by the grammar of demand. Starting from this Lacanian hypothesis, this article investigates the status of partiality in psychoanalysis and traces the manner in which the radicalization of the partial object itself gives rise to regions of impasse within drive theory. We argue that, by displacing partiality from an “ontology of the part” to the differential

¹ Psicólogo formado pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). Mestre e doutorando em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordena o grupo de pesquisa OITOINVERSO.



functioning of the signifying chain, Lacan not only transforms the status of the drive object, but also reopens the question of the very conditions under which an object can operate as remainder and cause. Drawing on the formula of the drive as ($\$ \Delta D$) in the Graph of Desire, we show how neurosis can be reread as a structure of perseveration of demand - that is, as a signifying machinery that sustains the circulation of desire by maintaining the partial object in a position of permanent relaunching of the chain. In contrast, we propose that melancholia makes visible the point at which this economy begins to fail: the object reappears as the compact presence of the Thing. Melancholia thus reveals a particularly unstable region within Lacanian drive theory, in which not only the structural conditions for the extraction of the object begin to vacillate, but also the very distance that sustained the distinction between the subject and the cause of its desire - a distinction that Lacanian theory nevertheless continues to inscribe in terms of the object.

Keywords: *Partial Drive. Melancholia. Demand. Metonymy*

Introdução

À primeira vista, poucas ideias parecem tão inocentes quanto a de *parte* - motivo suficiente para interrogá-la à parte. Partiremos da observação de Lacan de que a própria descoberta freudiana da pulsão parcial participa do engodo que a tornou inicialmente pensável, sem que jamais se aparte do postulado neurótico que lhe serve de suporte. Algo desse constrangimento por toda a teoria pulsional se reparte. É possível, ainda assim, pensar a parcialidade? Em parte. A questão é desse porte.

Sustentando-se apenas por referência ao todo que integra, toda parte introduz simultaneamente a possibilidade de decomposição da integridade. Tensão elementar entre pertencimento e divisibilidade. Com Descartes, isso é formulado no interior da ontologia da extensão. *Partes extra partes*: exterioridade recíproca entre elementos distintos cuja coexistência depende exclusivamente de sua disposição e separação no espaço (Anfray, 2014). A *res corporea* define-se pela divisibilidade, de modo que “cada uma de suas partes [...] é realmente distinta das outras partes da mesma substância” (Descartes, 1722/1644, p.14). Toda parte permanece pensável como nova extensão decomponível em outras partes e, mesmo distintas, as partes permanecem homogêneas entre si e articuladas segundo relações mecânicas de movimento, contato e repouso. O movimento é definido como “a translação de uma parte da matéria” (Descartes, 1722/1644), enquanto a coesão dos corpos depende exclusivamente da disposição recíproca entre suas partes. Decomposição indefinida de um contínuo cuja unidade permanece pressuposta em cada uma de suas divisões. Ontologia da coexistência na qual nenhuma parte pode ocupar o lugar de outra sem que a própria consistência dos corpos seja ameaçada.

A modernidade, entretanto, não assistirá apenas à matematização da extensão, mas também à corrosão progressiva da própria ideia da totalidade intuitiva. A mesma racionalidade que transforma o corpo em substância divisível começará igualmente a tornar pensáveis formas de multiplicidade irredutíveis à integridade orgânica do todo. A teoria dos conjuntos levará esse movimento ao limite ao formalizar relações entre elementos sem recorrer a qualquer hierarquia natural prévia entre partes nem à pressuposição de uma unidade substancial que lhes anteceda. Algo dessa mutação conceitual, propomos, atravessa também a descoberta freudiana da pulsão parcial. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) descreve a sexualidade infantil como a atividade de pulsões parciais [*Partialtrieben*] que se empenham na obtenção do prazer, em geral, sem conexão entre si. A parcialidade (da pulsão) designa



uma multiplicidade relativamente autônoma de circuitos de satisfação que não convergem espontaneamente para qualquer unidade orgânica superior. Freud chega mesmo a sugerir que “o instinto sexual [*Sexualtrieb*] em si não é algo simples, mas composto de elementos [*Komponenten*] que dele novamente se separam nas perversões.” (Freud, 1905/2016, p.13)

Ainda assim, a descoberta freudiana conservará certa ambiguidade quanto a esse ponto: a parcialidade corre constantemente o risco de ser reinscrita na velha ontologia da parte. Foi precisamente o que ocorreu em Abraham (1927), para quem o desenvolvimento libidinal deveria conduzir progressivamente da fixação em objetos parciais à integração genital do objeto amado como pessoa total. O objeto parcial é, para esse autor, fragmento separado de uma totalidade pressuposta: a da *pessoa*. “Em determinado estágio do desenvolvimento, a libido “permanece ainda ligada a uma parte de seu objeto” (Abraham, 1927, p.488) até que o sujeito seja capaz de reconhecer essa parte “como parte daquele objeto que ama como pessoa inteira” (Abraham 1927, p.411)

Lacan observará posteriormente, em sua típica pseudogenerosidade irônica, que Abraham compreende o objeto parcial “da maneira mais formal” como “um amor do objeto do qual uma parte é excluída”, isto é, “o objeto menos essa parte” (Lacan, 1962-1963/2010, p.470). A operação nada sutil de Lacan consiste precisamente em deslocar essa lógica subtrativa para fora da ontologia clássica do todo. Pois o problema já não é o de uma parte destacada de um objeto previamente íntegro, mas o de uma parcialidade estrutural produzida pelo próprio funcionamento do desejo. Lacan conserva, portanto, o núcleo formal da descoberta de Abraham - o objeto como efeito de uma subtração - ao mesmo tempo em que destrói sua pressuposição mais fundamental: a existência de uma totalidade orgânica anterior à perda. É nessa direção que escreverá, em *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, que a característica “parcial” dos objetos não se aplica “por eles serem parte de um objeto total, que seria o corpo, mas por só representarem parcialmente a função que os produz” (Lacan, 1960/1998, p.832). Desacopla-se a parcialidade de qualquer mereologia.

Defendemos, portanto, que a operação lacaniana consiste em preservar a lógica freudiana da parcialidade apenas ao preço de romper com a ontologia clássica da parte que ainda sustentava a noção de objeto parcial. Em Lacan, a parcialidade torna-se índice estrutural da impossibilidade. Sustentaremos, ao longo deste artigo, que a observação lacaniana segundo a qual a teoria freudiana das pulsões participa de um “engodo da estrutura fantasística do neurótico” (Lacan 1962-63/2005, p.77) abre uma fenda decisiva no próprio conceito de parcialidade deixando a teoria da pulsão numa vizinhança de problemas que ela talvez nunca tenha conseguido reinscrever inteiramente.

Metodologicamente, o presente trabalho se orientará por uma leitura transversal e reconstrutiva dos pontos de tensão que atravessam diferentes momentos da teoria psicanalítica. Interessa-nos acompanhar os lugares em que a teoria parece exceder as coordenadas inicialmente mobilizadas para sustentá-la. Partiremos, portanto, da hipótese de que certos impasses internos funcionam como operadores privilegiados de inteligibilidade teórica, permitindo tornar visíveis deslocamentos que permanecem parcialmente obscurecidos pela apresentação dos conceitos. Nesse sentido, privilegiaremos uma leitura orientada pelas “assombrações” que retornam nas elaborações teóricas cujas consequências clínicas e conceituais permanecem insuficientemente exploradas. Encontraremos terreno particularmente fértil para essa interrogação nas esparsas referências lacanianas à melancolia.



O Morcelamento da *Res Cogitans*: Máquina Significante

No movimento pelo qual relê Abraham (1927) - para quem o objeto parcial já aparecia segundo certa lógica subtrativa -, Lacan tenta definir a própria operação estrutural pela qual se produz o objeto. Essa é a ocasião para a aproximação entre a parcialidade e a função da metonímia: “vão-lhes dizer que é a parte tomada pelo todo, o que deixa tudo em aberto, tanto verdade como erro. Verdade, se essa parte tomada pelo todo se transforma na operação para se tornar seu significante. Erro, se nos apegamos somente à face de parte” (Lacan, 1960-1961/2010, p. 383). Tudo depende aqui do estatuto da palavra “parte”. Enquanto “fragmento”, ela permanece prisioneira da velha ontologia do organismo; enquanto operação significante, passa a designar o próprio modo de circulação do desejo.

A tese é ainda mais explícita em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*², provavelmente o escrito mais completo de Lacan no que diz respeito à definição de sua própria concepção de estrutura contra aquilo que circulava, à época, sob o nome de estruturalismo. O texto constitui uma intervenção direta no debate inaugurado pelo relatório apresentado por Daniel Lagache no Colóquio de Royaumont de 1958, no qual a personalidade era concebida como *unitas multiplex*, isto é, como totalidade composta por partes estruturadas e funcionalmente articuláveis. O alvo da crítica lacaniana é a *psicologia da personalidade*, organizada a partir do pressuposto segundo o qual a estrutura poderia ser compreendida como forma organizada ou unidade integradora. O “personalismo” criticado por Lacan designa justamente uma das formas pelas quais a velha ontologia da parte continuava operando no interior do pós-freudianismo. Dado o contexto, é compreensível as formulações de Lacan nesse texto sejam ainda mais radicais: diz que o próprio termo “parte” deveria ser “descartado de saída” quando se trata da estrutura, por conservar uma referência implícita à forma orgânica e à hierarquia natural do todo. (Lacan, 1960/1998, p. 653). Seguirá dizendo que a categoria de *conjunto* lhe interessa precisamente por permitir pensar relações entre elementos sem recorrer à essa pressuposição de uma unidade intuitiva anterior. O decisivo, escreve Lacan, é que os elementos de um conjunto possam “simbolizar todas as relações definíveis para o conjunto (Lacan, 1960/1998, p. 653). A estrutura não remete, portanto, à composição ordenada de “partes reais”, e sim à combinatória diferencial de posições capazes de recobrir funções distintas no interior de um sistema simbólico. Por isso, pode-se afirmar que “a estrutura não é a forma” (Lacan, 1960/1998, p. 653).

A referência à teoria dos conjuntos também modifica profundamente o estatuto do conceito de metonímia. Como já mencionamos, não se trata da compreensão da figura retórica na qual uma parte substitui o todo, mas da lógica segundo a qual um elemento só adquire valor pelas relações diferenciais que ocupa no interior de uma estrutura. Num conjunto, nenhum elemento contém positivamente a totalidade do sistema nem deriva seu lugar de uma unidade substancial anterior; sua consistência depende exclusivamente da posição relacional que mantém com os demais elementos. A parcialidade lacaniana começa a adquirir um estatuto inteiramente distinto daquele herdado da tradição mereológica clássica, o objeto parcial torna-se operador de uma falta de reciprocidade inscrita no próprio funcionamento da cadeia significante, escrita na fórmula da fantasia como ($\$ \diamond a$).

Não por acaso, essa transformação coincide em Lacan com uma crescente descrição do simbólico em termos maquínicos. A estrutura já não opera como forma

² As elaborações desenvolvidas a seguir acerca do texto “*Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*” tiveram sua primeira apresentação oral no seminário do Grupo de Pesquisa em Psicanálise OITAINVERSO, realizado em 2025. Agradeço aos colegas participantes pelas discussões que contribuíram para o amadurecimento das questões aqui formuladas.



orgânica, mas como combinatória automática de inscrições diferenciais. O sujeito surge como efeito descontínuo dessa maquinaria significativa. Como dirá Lacan alguns anos depois, “a *res cogitans* [...] porta, [...], a marca do morcelamento”, terminando por tornar-se “uma combinatória de notações” (Lacan, 1966-1967). A parcialidade torna-se o próprio modo de funcionamento da estrutura.

A Neurose e a invenção da Pulsão como Demanda

A observação de Lacan segundo a qual “foi um engodo da estrutura fantasística do neurótico que permitiu dar esse primeiro passo que se chama pulsão” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 77) talvez esteja entre as formulações mais incontornáveis de todo o seu ensino. A própria inteligibilidade inicial da pulsão dependeria de uma captura neurótica da estrutura pulsional. As consequências tornam-se consideráveis se tomamos essa afirmação em seu pleno alcance. A pulsão comparece ao campo analítico já traduzida pelas coordenadas neuróticas. O que Freud descreve como pulsão aparece mediado pela gramática da *demanda*. É precisamente o que Lacan tenta formalizar ao escrever o matema da pulsão como $(\$ \diamond D)$, isto é, como *sujeito barrado em relação à demanda*³, e não diretamente ao objeto *a*. “A maneira como lhes ensinei a escrever a pulsão”, afirma Lacan, “já lhes explica por que foi nos neuróticos que as pulsões foram descritas” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 77). No neurótico, a fantasia $(\$ \diamond a)$ apresenta-se “de maneira privilegiada” sob a forma $(\$ \diamond D)$ (Lacan, 1962-1963/2005, p. 77). Em outras palavras, o objeto pulsional é *interpretado* como Demanda do Outro.

A demanda ocupa no *Grafo do Desejo* uma posição singular. Diferentemente de *A*, *s(A)* ou mesmo do objeto *a* ela não possui um nó próprio ou um ponto exclusivo de estabilização. A demanda atravessa o grafo inteiro sem jamais coincidir consigo mesma. Ela aparece simultaneamente no movimento do circuito inferior do enunciado e reinscrita como letra no próprio matema da pulsão: *D*. Nossa hipótese é que essa duplicidade é índice estrutural de sua função: operadora de circulação entre os dois andares do grafo, dupla volta (Neckel, 2024b). É por essa via que propomos ler a definição lacaniana da pulsão em *Subversão do sujeito e dialética do desejo*. “Ela [a pulsão] é o que advém da demanda quando o sujeito nela se desvanece” (Lacan, 1960/1998, p. 831). A frase descreve uma mutação topológica de estatuto. A demanda articulada pertence ainda ao plano do endereçamento ao Outro; ela implica fala, reconhecimento, resposta possível. A pulsão começa precisamente no ponto em que esse circuito perde sua função comunicativa sem perder, contudo, sua força de insistência. O sujeito desvanece, mas a demanda continua. O que sobrevive é sua pura perseverança formal.

A pulsão designa então a insistência acéfala da própria estrutura significativa. Por isso seu lugar no andar superior do *Grafo* “Esses elementos do tesouro significativo ao nível da enunciação”, afirma, “é o que se chama *Trieb*, a pulsão” (Lacan, 1961-1962). Posteriormente, teremos ainda: “é quando a demanda se cala que a pulsão começa” (Lacan, 1966-1967). A cadeia persevera porque sua satisfação já não depende da obtenção de um objeto terminal. Por isso Lacan poderá dizer muito mais tarde que “o inconsciente se satisfaz do blá-blá-blá” (Lacan, 1975-1976). O inconsciente satisfaz-se precisamente da continuação do funcionamento significativo. A satisfação pulsional está localizada na própria reprodução do circuito. Relançamento da circulação pulsional.

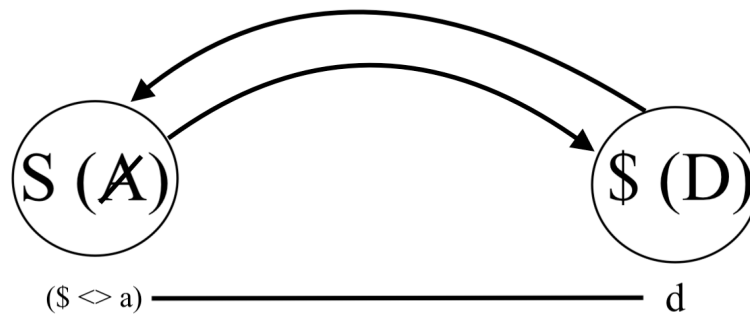
É então possível compreender com maior precisão a função da neurose nesse dispositivo. O neurótico tenta estabilizar essa circulação tratando o desejo como demanda. Lacan dirá, em *Subversão do sujeito*, que o neurótico “identifica a falta do Outro à sua demanda” (Lacan, 1960/1998, p. 848). Formulação importantíssima: a

³ Ou ainda: sujeito barrado, desejo de demanda.



inconsistência do Outro deixa de comparecer como abertura angustiante do desejo para reaparecer sob a forma de uma exigência endereçável, interpretável e indefinidamente reiterável. O neurótico demanda que o Outro lhe demande algo. A demanda não quer obter uma resposta, pois funciona como dispositivo de sustentação da própria circulação significante.

Figura 1 – Grafo simplificado



Fonte: elaborado pelo autor (2026)

O que o neurótico preserva, portanto, é a possibilidade de continuar circulando em torno do objeto – e não o próprio objeto. A demanda persevera precisamente porque impede que o objeto adquira consistência absoluta. O neurótico demanda que o Outro lhe demande algo - demanda de demanda, endereçamento infinito (Neckel, 2024a). O objeto parcial funciona como operador de relançamento da cadeia, condição de continuidade da própria deriva metonímica do desejo. Podemos dizer que a pulsão, na neurose, permanece inseparável de certa “astúcia” da demanda: ela mantém o objeto suficientemente faltante para que a maquinaria significante continue girando. A hipótese de Lacan segundo a qual a teoria freudiana da pulsão nasce de um engodo da estrutura fantasística do neurótico ganha aqui outro peso. O neurótico é precisamente aquele que consegue transformar a própria inconsistência do Outro numa máquina de perseveração significante.

Abre-se aqui um problema que nos interessa. A própria definição lacaniana da pulsão já implica a possibilidade de um ponto em que a demanda deixa de conseguir manter o objeto à distância. Esse ponto possui um nome preciso: *angústia*. Enquanto a neurose consegue normalmente reinscrever essa irrupção (da angústia) no interior da maquinaria significante da demanda, a melancolia parece indicar uma perturbação muito mais profunda de toda a economia dita pulsional. A circulação significante já não consegue manter o objeto em posição de resto capaz de sustentar o relançamento da cadeia. O intervalo que permitia ao desejo perseverar começa a se contrair. A demanda perde sua função de mediação, e o objeto abandona progressivamente o regime da deriva para adquirir densidade própria, peso próprio, proximidade própria. Surge daí uma dificuldade maior para a teoria da pulsão. Pois, se a neurose dependia da manutenção de uma distância mínima entre sujeito e objeto, a melancolia parece indicar um regime no qual essa distância deixa de funcionar como operador estrutural estável.



Melancolia e o colapso da parcialidade

Curiosamente, talvez nenhum autor tenha formulado de maneira tão explícita a tensão entre parcialidade e totalização quanto o próprio Karl Abraham de quem falávamos anteriormente. Em seu estudo sobre o desenvolvimento da libido, Abraham propõe distinguir a melancolia precisamente pelo fracasso da lógica parcial que organizaria outras formações psíquicas. Enquanto “o paranoico introjeta apenas uma parte” do objeto, escreve ele, “o melancólico incorpora o objeto de amor abandonado como um todo” (Abraham, 1927). A formulação sugere que a parcialidade não designa simplesmente um tipo de objeto, mas um regime estrutural de relação ao objeto. Na melancolia, o objeto deixa precisamente de funcionar como fragmento destacável, deslocável e substituível para adquirir a consistência compacta de uma presença integral. A consequência teórica é considerável. Se a parcialidade neurótica dependia da possibilidade de manter o objeto numa posição metonímica... temos um problema.

O objeto comparece como presença invasiva que tende a absorver o sujeito em outra espécie de captura. Nesse ponto, devemos reinterrogar a teoria lacaniana da angústia. Na neurose, a angústia surge quando a distância fantasmática que mantinha o objeto suficientemente velado começa a falhar. O objeto aproxima-se excessivamente. A irrupção angustiante do objeto a permanece, contudo, episódica e contingente: ela depende, pois, da vacilação de uma estrutura que continua normalmente organizada em torno de certa distância regulada do objeto. O neurótico pode ter um “*episódio*” de angústia porque o objeto ainda não coincide estruturalmente com sua posição subjetiva.

A melancolia parece designar exatamente o inverso dessa economia. Nela, aquilo que na neurose comparece como irrupção momentânea tende a adquirir valor estrutural estabilizado. O problema não é a aproximação excessiva do objeto, mas a impossibilidade de manter distância em relação a ele. A famosa fórmula freudiana segundo a qual “a sombra do objeto caiu sobre o eu” (Freud, 1917/2010) é o que permite Lacan afirmar, no *Seminário 10*, que “na melancolia [...] é o objeto que triunfa” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 240). Formulação extraordinária, já que desloca completamente o problema da perda objetual. O essencial já não é que o sujeito tenha perdido um objeto, mas que o objeto tenha deixado de funcionar como resto parcial capaz de sustentar a circulação do desejo. O triunfo do objeto designa o colapso da função parcializante da fantasia. A clínica melancólica testemunha essa mutação de maneira particularmente nítida. O melancólico se identifica diretamente a uma posição de ruína absoluta. “Ele é o último dos últimos”, diz Lacan, “ele arrasta catástrofes para toda sua parentela” (Lacan, 1961-1962/2005, p.481). Suas autoacusações assumem imediatamente valor ontológico.

Se, na neurose, a imagem narcísica ainda funciona como moldura fantasmática que mantém o objeto à distância, na melancolia, essa moldura tende a colapsar. O dito sujeito já não consegue sustentar-se no intervalo entre imagem e objeto; ele precipita-se na direção dessa coincidência impossível. O objeto deixa então de operar como causa do desejo para reaparecer sob a forma compacta de uma presença sem mediação.

O problema se complica ainda mais quando percebemos que a ocupação do lugar do objeto não é, em si mesma, excepcional no ensino de Lacan. A histeria, a perversão e o próprio discurso do analista já implicam diferentes modalidades de *assunção do objeto a* sem que isso produza necessariamente nenhum colapso do circuito pulsional. O histérico sustenta-se numa identificação ao objeto enquanto causa do desejo do Outro (Lacan 1957-58/1999); o perverso encarna o objeto ao colocar-se como instrumento do gozo do Outro (Lacan 1964/1973); o analista, por sua vez, ocupa formalmente esse lugar sob a forma do *semblant* no discurso analítico (Lacan, 1969-70/1991). Em todos esses casos, contudo, o objeto conserva estatuto funcional. Ele permanece na “função causa”, elemento



de circulação, posição estrutural sustentada por uma distância mínima entre sujeito e objeto. Todas essas modalidades recebem em Lacan algum tipo de formalização positiva: o fantasma histérico, o fantasma perverso, o discurso do analista. A melancolia não.

A melancolia introduz uma dificuldade distinta. Nela, a assunção do lugar do objeto já não parece formalizável como posição fantasmática nem como dispositivo discursivo. Não há matema da melancolia. O problema deixa de ser a ocupação do lugar do objeto para atingir a própria possibilidade de sustentá-lo enquanto função separada do sujeito. O objeto não opera como causa articulada ao desejo, mas como presença compacta, sem intervalo suficiente para sustentar a mediação fantasmática tal como essa se define em Lacan. Vale repetir: Lacan descreve minuciosamente os efeitos melancólicos - triunfo do objeto, identificação ao dejetivo, precipitação suicida, colapso da imagem narcísica -, mas jamais produz nada comparável às formalizações que encontramos para o fantasma ou para os discursos. A ausência não parece mero descuido.

Como estávamos dizendo, o fantasma (\$\Delta a)\$ exige precisamente a manutenção de uma distância estrutural entre o sujeito barrado e o objeto causa de seu desejo. Sua função consiste em estabilizar essa separação mínima que permite ao objeto operar como resto, causa e circulação. Na melancolia essa distância começa a desaparecer. O sujeito já não se relaciona ao objeto; tende a coincidir com ele. Nosso ponto é: nos defrontamos com uma zona de instabilidade na qual a própria gramática *sujeito-objeto* (mesmo após operada toda a subversão radical desses termos) começa a perder consistência e poder explicativo⁴. Resta então um problema cuja extensão ultrapassa largamente os limites deste artigo, embora seja difícil não o reconhecer uma vez que ele emerge no interior de nossas elaborações sobre a teoria de Lacan. Em suma: a melancolia designa uma região limite em que as coordenadas estruturais habituais começam a perder estabilidade: o fantasma já não consegue operar como princípio de separação, o objeto deixa de circular como resto diferencial e a própria gramática *sujeito-objeto* atinge um ponto de saturação. Talvez seja justamente aí que certas formulações literárias atinjam uma precisão raramente alcançada pelas definições analíticas: ecoam as palavras de Fernando Pessoa/Bernardo Soares:

“quando me debrucei da janela altíssima, sobre a rua para onde olhei sem vê-la, senti-me de repente um daqueles trapos húmidos de limpar coisas sujas, que se levam para a janela para secar, mas se esquecem, enrodilhados, no parapeito que mancham lentamente” (Pessoa, F., s.d.).

Estranha compactação do ser ao resto.

Considerações finais

A principal consequência deste percurso foi mostrar que a parcialidade, em psicanálise, nunca constituiu um problema meramente clínico ou descritivo. Desde Freud, ela carregava uma decisão silenciosa acerca do próprio estatuto do objeto. O que Lacan percebeu é que a teoria da pulsão só podia conservar sua radicalidade ao preço de romper com a velha ontologia da parte ainda pressuposta pela noção clássica de objeto parcial.

A *parte*, quando ainda serve como ideia, indica uma não-coincidência estrutural produzida pela própria cadeia significativa. Há uma estrutura cuja consistência depende da produção contínua de restos. Por isso a aproximação entre metonímia, demanda e pulsão. A parcialidade não designa uma substância, mas uma operação: o modo pelo qual

⁴ Cf. Neckel, L. (2026, no prelo). “*Falência da fronteira: O privilégio da syntaxis e os regimes de consistência na clínica psicanalítica*”.



o desejo persevera sem jamais alcançar estabilização terminal. O objeto parcial sustenta a continuidade da cadeia desejante.

O chamado “engodo” neurótico da pulsão nomeia a maquinaria pela qual a inconsistência do Outro é reinscrita como circuito reiterável da demanda. A melancolia torna visível o limite dessa economia. O objeto, no caso melancólico, é incapaz de sustentar a circulação metonímica do desejo. O problema já não se reduz à perda do objeto – ou à ausência de inscrição dessa perda/extração, como na psicose-, mas indica falência da própria operação estrutural que permitia ao objeto funcionar como extraído, parcial e circulável. Excedente sem reintegração possível, “parte maldita” da economia libidinal, poderíamos dizer parafraseando Bataille.

As consequências desse deslocamento não permanecem restritas ao estatuto do objeto. A própria legibilidade das estruturas clínicas começa a encontrar um ponto de saturação. Pois, mesmo quando Lacan desloca radicalmente a metafísica clássica do sujeito, sua clínica continua operando mediante diferenças estruturais minimamente estabilizáveis: sujeito e objeto, lugar e função, consistência e corte, fantasia e gozo. A melancolia introduz uma região em que essas operações diferenciais começam a perder rendimento. Nem mesmo o recurso à topologia tardia resolve inteiramente a dificuldade. A teoria dos nós não abandona a sintaxe estrutural; é subordinada a ela.

Resta então indicar o alcance e também os limites do percurso aqui desenvolvido. Este artigo não pretende oferecer uma nova teoria estrutural da melancolia nem substituir as distinções clínicas clássicas da psicanálise. Seu objetivo foi mais restrito e, ao mesmo tempo, mais problemático: tornar visível uma região de tensão interna à própria teoria lacaniana. Nesse sentido, a melancolia interessou como operador crítico capaz de expor pontos de instabilidade da gramática conceitual da psicanálise. Permanecem abertas, portanto, diversas questões que ultrapassam os limites deste trabalho. Entre elas, a necessidade de investigar mais rigorosamente o estatuto da angústia nessa economia da extração; a relação entre melancolia e consistência topológica nos últimos seminários de Lacan; e, sobretudo, as consequências clínicas e epistemológicas implicadas quando a própria distinção entre sujeito e causa do desejo deixa de operar de maneira estável. Longe de encerrar o problema, o presente artigo procurou apenas deslocá-lo para uma vizinhança teórica na qual categorias tomadas como evidentes pela tradição psicanalítica talvez precisem voltar a tornar-se interrogáveis.

Referências:

- Abraham, K. (1924). *Versuch einer Entwicklungsgeschichte der Libido auf Grund der Psychoanalyse seelischer Störungen*. Internationaler Psychoanalytischer Verlag.
- Abraham, K. (1927). *Selected papers on psycho-analysis* (D. Bryan & A. Strachey, Trans.). Hogarth Press.
- Anfray, J.-P. (2014). Partes extra partes: Étendue et impénétrabilité dans la correspondance entre Descartes et More. *Les Études philosophiques*, 108(1), 37–59.
- Bataille, G. (1975). *A parte maldita: Precedida de “A noção de despesa”* (J. C. Guimarães, Trad.). Imago. (Obra original publicada em 1949).
- Descartes, R. (1722). *Principia philosophiae* (Editio novissima auctior & emendatior). Sumptibus Friderici Knochii & Filii. (Trabalho original publicado em 1644).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914–1916) (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).



- Freud, S. (2016). *Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901–1905)* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado entre 1901–1905).
- Lacan, J. (1961–1962). *Le Séminaire, livre IX: L'identification* [Documento de trabalho não publicado].
- Lacan, J. (1966–1967). *Le Séminaire, livre XIV: La logique du fantasme* [Documento de trabalho não publicado].
- Lacan, J. (1991). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969–1970)* (J.-A. Miller, Org.; A. Roitman, Trad.). Zahar.
- Lacan, J. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 653–691). Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960).
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 807–842). Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1966).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957–1958)* (J.-A. Miller, Org.; V. Ribeiro, Trad.). Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia (1962–1963)* (J.-A. Miller, Org.; V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: A transferência (1960–1961)* (J.-A. Miller, Org.; D. D. Estrada, Trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1973). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)* (J.-A. Miller, Org.; M. D. Magno, Trad.). Zahar.
- Lagache, D. (1961). *La psychanalyse et la structure de la personnalité*. La Psychanalyse, (6), 5–54. (Trabalho original apresentado em 1958)
- Neckel, L. (2024a). *Um suporte ao abjeto: A Verleugnung como posição do analista* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Neckel, L. (2024b). A dupla-volta do significante: Notas topológicas sobre a repetição em psicanálise. *Pathos*, 6, 38–46. <https://doi.org/10.66736/qd8zzz06>.
- Pessoa, F. (s.d.). *Livro do desassossego* [Bernardo Soares]. Arquivo Pessoa.